



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de Geografia

Giovanna Caires Diniz

**Eixo Rodoviário de Brasília: de espaços de fixos e fluxos a lugar do
patrimônio-territorial**

Brasília, Distrito Federal

Julho, 2025

Giovanna Caires Diniz

Eixo Rodoviário de Brasília: de espaços de fixos e fluxos a lugar do
patrimônio-territorial

Artigo apresentado como requisito obrigatório
para a disciplina Prática e Pesquisa de Campo 1
e 2, para fins de conclusão do curso de
graduação em Geografia, com habilitação em
Bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Everaldo Batista da Costa

Coorientador: Prof. Me. Pedro Thomé Queiroz

Brasília, Distrito Federal

Julho, 2025

Giovanna Caires Diniz

Eixo Rodoviário de Brasília: de espaços de fixos e fluxos a lugar do
patrimônio-territorial

Artigo apresentado como requisito obrigatório para
a disciplina Prática e Pesquisa de Campo 1 e 2, para
fins de conclusão do curso de graduação em
Geografia, com habilitação em Bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Everaldo Batista da Costa

Coorientador: Prof. Me. Pedro Thomé Queiroz

Data de aprovação:

Banca examinadora:

Prof. Everaldo Batista da Costa - Orientador
Departamento de Geografia (GEA/ICH/UnB)

Prof. Pedro Thomé Queiroz - Coorientador
GECIPA - Grupo de Pesquisa CNPq (GEA/ICH/UnB)

Dra. Larissa Alves de Sousa
(GECIPA/Avaliadora)

Dr. Ulysses Melo Carvalho
(UFRGS/GECIPA/Avaliador)

AGRADECIMENTOS

Os anos de graduação, certamente, foram desafiadores e, sem o auxílio e a presença de pessoas queridas, não teria sido possível passar por esses longos anos. Agradeço à minha família, em especial aos meus avós e à minha mãe, que, mesmo distantes, se fazem presentes nos bons e maus momentos, sempre me oferecendo todo o apoio possível. À Ana, minha confidente, mãe do coração e amiga de todas as horas. Ao meu namorado e amor da minha vida, Miguel, que motivou meu ingresso na UnB, me inspira e torna a jornada da vida mais bonita. À Anne, Gabriele, Walkelyne, Mikaelle e Carla, por sempre me escutarem e oferecerem um ombro amigo. Ao meu amigo Matheus, pelas consultorias gratuitas de QGIS e pela disposição em ajudar. Por fim, ao meu orientador, Everaldo, pela paciência e correções ao longo do desenvolvimento da pesquisa, e aos demais professores do Departamento de Geografia, que, com empenho, constroem um curso extremamente qualificado na universidade.

SUMÁRIO

Introdução	7
1. Do Eixo Rodoviário ao Eixão do Lazer em Brasília	8
2. Entre utopias, fixos, fluxos e o patrimônio-territorial no Eixão do Lazer	10
3. Análise espacial concreta: registros e reflexões sobre o patrimônio-territorial no Eixão do lazer	13
4. Resultados e discussões	18
5. Considerações finais	19
Referências bibliográficas	20

Eixo Rodoviário de Brasília: de espaços de fixos e fluxos a lugar do Patrimônio-territorial¹

Giovanna Caires Diniz²

Resumo: A colonialidade do poder na América Latina encontra nos sujeitos subalternizados e empobrecidos historicamente frentes de resistência e continuidade dos seus saberes-fazer. O locus investigativo desta pesquisa é o Eixo-Rodoviário da cidade de Brasília, Brasil. A mudança de função que ocorre no Eixo aos domingos ressignifica experiências e a paisagem urbana, ao tornar-se “Eixão do Lazer”. O objetivo da pesquisa é identificar e analisar o patrimônio-territorial que emerge do espaço de fixos e fluxos – Eixo Rodoviário do Plano Piloto de Brasília - definido como Eixão do Lazer aos domingos. Metodologicamente, debateram-se, conjuntamente, os conceitos de “fixos e fluxos”, e “patrimônio-territorial”. Em saídas de campo e aplicação de entrevistas semi-estruturadas, foi possível estabelecer conexões entre o comércio e as atividades no Eixão do Lazer, com o patrimônio-territorial identificado. Os resultados demonstram que, ao ser apropriado por práticas culturais populares, o Eixão transforma-se em lugar de ativação popular do patrimônio-territorial.

Palavras-chave: Patrimônio-territorial; Eixão do Lazer; utopismos patrimoniais; América Latina.

Brasília's Road Axis: from spaces of fixity and flows to a site of territorial heritage

Abstract: The coloniality of power in Latin America finds, in historically marginalized and impoverished subjects, fronts of resistance and continuity of their knowledge-practices. The investigative locus of this research is the Eixo-Rodoviário (Highway Axis) of Brasília, Brazil. The functional change that occurs on Sundays re-signifies experiences and the urban landscape as it becomes the "Eixão do Lazer" (Leisure Axis). The objective of this study is to identify and analyze the territorial-heritage that emerges from this space of fixed elements and flows—the Eixo Rodoviário of Brasília's Plano Piloto—when it is redefined as the Eixão do Lazer on Sundays. Methodologically, the concepts of "fixed elements and flows" and "territorial-heritage" were discussed together. Through fieldwork and the application of semi-structured interviews, it was possible to establish connections between commerce and activities on the Eixão do Lazer and the identified territorial-heritage. The results show that, when appropriated by popular cultural practices, the Eixão becomes a place for the popular activation of territorial-heritage.

Keywords: Territorial-Heritage; Eixão do Lazer; heritage utopisms; Latin America.

¹ Trabalho de PIBIC (2024-2025) orientado pelo professor Everaldo Batista da Costa, do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, UnB.

² Aluna de graduação em Geografia da Universidade de Brasília/UnB. E-mail: giovannacdiniz21@gmail.com.

Introdução

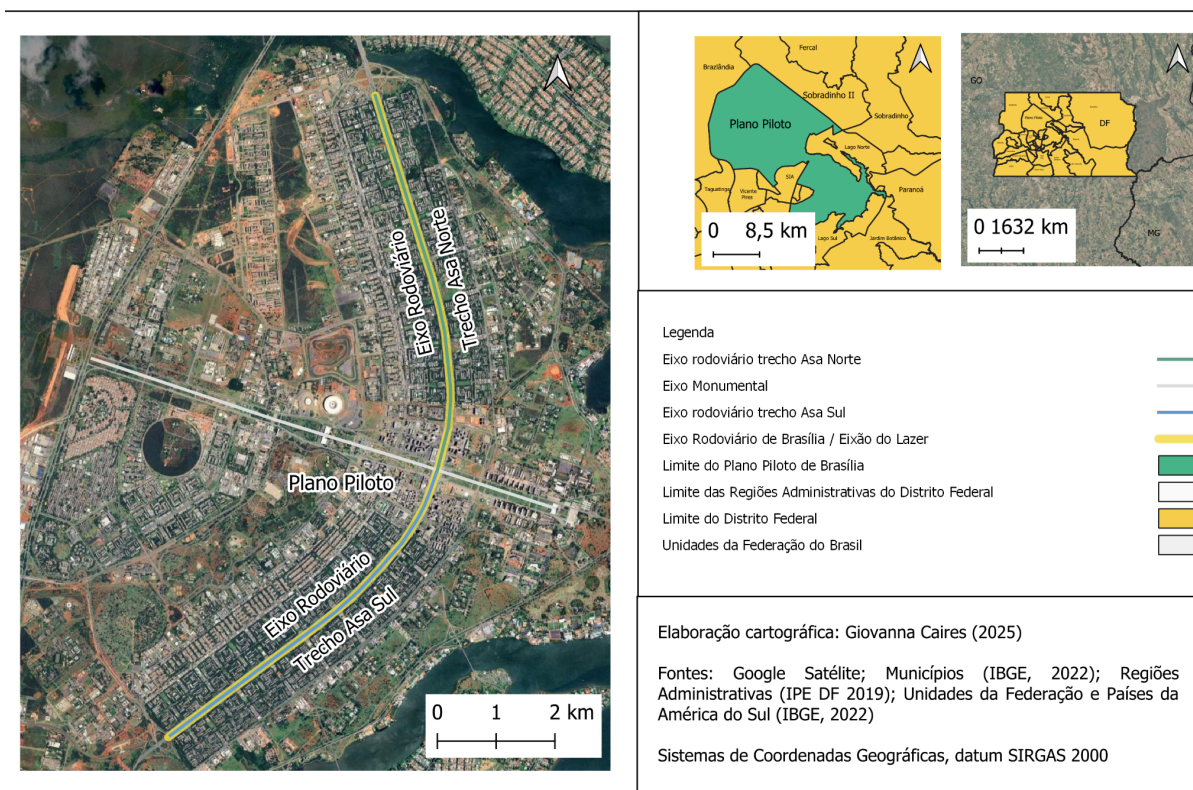
Para pensarmos no patrimônio-territorial, precisamos também compreender os utopismos patrimoniais, é essa a ideia propulsora e impulsionadora do conceito-chave desta pesquisa. Utopismos patrimoniais pela América Latina constitui a teoria proposta por Costa (2016) e revisada em outros trabalhos nos últimos 10 anos (Costa, 2016, 2017, 2018, 2021, 2024). É a partir dela que é possível idealizar e conceber iniciativas que estejam localizadas temporal e espacialmente ou em seus respectivos contextos sociais e históricos.

Conforme abordado por Costa (2016, p. 1-32), partimos do princípio de que há uma colonização que influi sobre os territórios; os utopismos patrimoniais, que tornam a emergência dos patrimônios-territoriais possível, nos dão a possibilidade de vislumbrar iniciativas de resistência e de superação de estigmas criados sobre os territórios subalternizados. Um dos três utopismos patrimoniais elencados pelo autor é o patrimônio-territorial, e é dele que nos utilizaremos para compreender o intuito e embasamento deste artigo, junto à teoria dos fixos e fluxos debatida por Milton Santos (2014).

Neste espaço público da cidade (Eixão do Lazer), a presença de pessoas para participarem de eventos culturais, transforma a paisagem urbana e cria novos fatos citadinos (Chini, 2019). A narrativa sobre a cidade passa a ser outra e estar e viver na mesma ganha novos significados. Ainda, as festividades, eventos e celebrações podem ser um modo de conquista do direito à cidade, conforme Chini (2019).

Realizar um recorte de estudo no Eixo rodoviário de Brasília/Eixão do Lazer (figura 1), espaço emblemático da capital do país, é pensar no que existe, resgata e ressignifica no tocante à cultura material e imaterial, como expressões de resistência cultural, situadas neste espaço público ativado pela população nos finais de semana. Lugar este que tem suas especificidades, como por exemplo, a mudança de função de Eixo-rodoviário (dos automóveis) para Eixão do Lazer (das pessoas ou diversos grupos sociais).

Figura 1
“Mapa de Localização do Eixo Rodoviário de Brasília”



Fonte: elaboração própria, 2025.

Logo, a **hipótese** trabalhada é a de que a mudança de função que ocorre aos domingos do Eixo Rodoviário para o Eixão do Lazer, faz emergir representantes específicos do patrimônio-territorial, tais como músicas, comidas, artesanias diversas que trazem em suas origens as culturas latina, afrobrasileira e indígena. Logo, é notório analisar tais signos de resistência popular latinoamericana em um dos espaços mais emblemáticos desta nova cidade modernista internacional.

O **objetivo** da pesquisa é identificar e analisar o patrimônio-territorial que emerge do espaço de fixos e fluxos – Eixo Rodoviário do Plano Piloto de Brasília - definido como Eixão do Lazer aos domingos.

Incorpora-se também a categorização de fixos e fluxos (Santos, 2014), e do entendimento do que compreende o patrimônio-territorial (Costa, 2016, 2017, 2018, 2021,2024), para revisá-lo desde a grande cidade, e estabelecer relações entre o comércio e atividades praticadas no Eixão do Lazer, que incorpora os patrimônios-territoriais no lugar.

Metodologicamente, foram definidas as seguintes etapas de pesquisa: (i) trabalhos de campo e (ii) sistematização dos dados coletados; trabalhos de campo de aproximação e aprofundamento, com a aplicação de entrevistas semiestruturadas, para compreender como os sujeitos produzem O Eixão do Lazer em Brasília e modificam a dinâmica urbana de fixos e fluxos, além da identificação e análise de elementos signos do patrimônio-territorial. De maneira mais específica, os trabalhos de campo possibilitaram observar o espaço urbano, apreender e descrever os “sistemas de ações e objetos” (Santos, 2014), bem como identificar quem são os atores ou grupos sociais que constituem o recorte espacial de estudo. Também favoreceram realizar levantamentos de materiais iconográficos e o georreferenciamento de pontos que expressam o patrimônio-territorial reproduzido no lugar.

1. Do Eixo Rodoviário ao Eixão do Lazer em Brasília

Os utopismos patrimoniais e o patrimônio-territorial constituem uma práxis integradora dos grupos subalternizados na América-Latina (Costa, 2016). Como práxis, é uma unidade dialética que propõe reflexões e evidencia contradições entre a teoria e a prática, conforme definição de Freire (1974), com vistas a valorização e transformação da realidade dos sujeitos em situação espacial duradoura. De maneira que se torna pertinente aplicar os conceitos ao caso particular do Eixão do Lazer, uma vez que teoria e empiria podem ser confrontados e dialogam com a identificação do patrimônio-territorial identificado. Assim, podemos entender que estamos nos referindo às práticas vinculadas a conhecimentos ou saberes situados espacialmente em posicionamento de resistência e manifestação dos sujeitos subalternizados (Costa, 2016, 2017, 2018, 2021,2024).

A pesquisa em questão parte da seguinte **problemática**: qual é o patrimônio-territorial que emerge no Eixo Rodoviário de Brasília, enquanto espaço de fixos e fluxos central na capital federal, que é fechado aos domingos para se tornar o Eixão do Lazer? A mobilização de elementos culturais e simbólicos, materiais-imateriais, assim como práticas socioespaciais relacionadas à identidade latino-americana, tornam-se um aspecto relevante desse estudo.

O espaço de valorização cultural no comércio do Eixão do Lazer pode ser observado através da incorporação de pessoas e saberes-fazeres segregados na reprodução do sistema econômico urbano metropolitano. Uma vez que são as pessoas que perfazem lugares, tanto a nível material quanto a nível subjetivo, é necessário que se pense qual cidade está sendo gerada e a quais interesses ela serve. Além disso, segundo López (2023), atrelados aos lugares, há uma carga subjetiva, emocional, um laço afetivo que une as pessoas aos ambientes circundantes.

Isso nos leva a considerar que somos capazes, individual e coletivamente, de estabelecer vínculos e relações afetivas com os lugares, formando uma dinâmica social com as territorialidades e a formação mesma da sociedade à qual pertencemos (López, 2023). O Eixão, como observado e experienciado em campo, se afigura como este lugar propiciador de afetividades e bem-estar. Em conformidade, o par sociedade-natureza está se transformando, cada vez mais, em emoção-lugar. Isso ocorre em virtude das emoções, percepções e pensamentos, e dos grupos sociais que influem sobre o habitar, trabalhar e viver nos lugares. Essas características denotam aos lugares significado e sentido existencial dos sujeitos (López, 2023).

Se faz necessário trazer à luz os conceitos de colonialismo e colonialidade, fundamentais para a compreensão da discussão aqui proposta. Segundo Souza (2019), há uma diversidade e complexidade

conceitual que os permeia, apontando autores como Aníbal Quijano — sob o qual utilizamos a perspectiva de colonialidade no presente artigo — e Franz Fanon. Inicia de forma provocativa, tensionando o conceito de colonialidade. No entanto, essa diversidade de entendimentos é necessária ao debate e, conforme a autora Souza (2019) esclarece, o colonialismo trata-se da política de um grupo de indivíduos com poder militar ou por representantes de um país estrangeiro sobre um território não pertencente a eles, a fim de exercer controle ou autoridade contra a vontade de seus habitantes. Acrescentando a este contexto, a falta de soberania sob a qual os países da América Latina experimentam, segundo a visão de Aníbal Quijano, tem-se a colonialidade, cujos efeitos perduram mesmo após a independência de um país (Souza, 2019).

Conforme Costa (2016), a colonialidade do poder se expressa espacialmente, e lugares de valorização e exposição da cultura popular se constituem como resistência frente a uma tendência de apagamento da identidade popular local. Para que seja possível vislumbrar uma nova “situação espacial”, Costa (2016) propõe a teoria dos “Utopismos patrimoniais para a América Latina”, que situa ideias e contradições, que perpassam os sujeitos e suas expressões materiais-imateriais produzidos junto à história do território. Nas palavras do autor, “qualquer modelo utópico faz-se exercício intelectual ou fundamento para a transformação de situações espaciais. Utopias são ambíguas, então, por destacarem fatos ideais e, simultaneamente, lançarem à ação” (Costa, 2016, p. 02).

Brasília, enquanto cidade que abriga uma população heterogênea, advinda de diferentes partes do país, apresenta uma diversidade no comércio, nas músicas e na gastronomia consumidas no Eixão do Lazer. Os empreendimentos econômicos ali estabelecidos estimulam o comércio local a partir de sujeitos que estão inseridos, historicamente, em uma situação marcada pela colonialidade do poder e do saber (Quijano, 2005), sujeitos viventes fora do Plano Piloto, que usam este espaço (de origem elitista) aos domingos, ativando um patrimônio-territorial.

Para Costa (2017, p. 53), “os graves problemas de ordem social, na América Latina - da intolerância étnico-cultural à precarização trabalhista e à indigência - produzem ‘territórios de exceção’ como locus de vida, paradoxalmente, segmentada e pujante, dos subalternizados pela modernidade/colonialidade do poder”. Para que estas memórias e sujeitos, que são subjugados, não se percam, é importante que espaços como esse existam e se incorporem na dinâmica das *urbs*, com destaque especial ao caso das cidades latino-americanas.

O modo com o qual a cidade de Brasília foi arquitetônica e urbanisticamente pensada, decorre de correntes européias, com destaque para o modernismo e o brutalismo. Quando há essa tentativa de reprodução do que é característico do pensamento e do modo de se pensar cidades europeias em território latino-americano, estamos diante de uma iniciativa que cria algo novo, produto da colonialidade e com matizes e formas que se adaptam ou, melhor dizendo, adaptam os sujeitos a condutas e estéticas novas. Pensada para o uso prioritário de veículos automotivos, a cidade mal incorpora em seu planejamento o sujeito que utiliza e/ou depende do transporte público para se locomover. No entanto, é significativo o quantitativo de pessoas que utilizam esses meios para se deslocarem dentro da cidade e a partir de suas Regiões Administrativas para o Plano Piloto. Essa nova definição da realidade inicialmente pensada a partir do contexto europeu se materializa com diversas particularidades e matizes nesta capital. Essa projeção é anamorfoseada, e isso significa dizer que os símbolos europeus dialogam e são redefinidos em sua identidade quando materializados, se desvinculando da memória histórica e cultural original (Miterique, 2012).

Com base nas experiências de vivência na cidade, podemos dizer que o projeto modernista produziu em Brasília certa dificuldade logística de deslocamento pedestre, de habitação popular e de usos dos espaços. Em entrevista coletada para a execução do presente estudo, uma antiga moradora do Distrito Federal relata, de maneira parcial, que esta se trata da “cidade dos alcóoltras e divorciados”. Essa afirmação se apoia na aparente falta de opções de lazer que vão além dos bares na cidade. Apesar de não se tratar de uma verdade absoluta, visto que há outras maneiras de usufruir do tempo livre em Brasília, esta colocação, feita no Eixão do Lazer, ganhou mais sentido se pensarmos que é um espaço que congrega públicos de diferentes faixas etárias, credos e classes sociais, para atividades diversas e dinâmicas. De grupos familiares a casais e amigos, o Eixão é evidência de um novo rumo na cidade, quando inaugurado a partir de norma técnica, em meados dos anos 1990.

Quando há a ativação popular do espaço público conforme Sousa (2020), existe uma interação entre objetivo e subjetivo, que carrega a essência da sociedade. A autora evidencia o potencial de resguardo do patrimônio-territorial (Costa, 2016, 2017, 2018, 2021, 2024), nos espaços públicos da América Latina, complementarmente, mobilizando o conceito de pracialidade (Queiroga, 2002). Existe também, uma

diferença latente no cuidado com as infraestruturas públicas em bairros de maior e menor poder aquisitivo, o que evidencia a dinamicidade e conflituosidade das praças centrais nos espaços urbanos. Assim sendo, ainda segundo Sousa (2020), são os usos e os sentidos que constroem o sentido simbólico contido na pracialidade.

Podemos interpretar o Eixão do Lazer também como um exemplo de pracialidade, como um espaço concreto que participa das metamorfoses da vida pública na cidade, como espaço não perene -visto o caráter intermitente do Eixão do Lazer- de encontro, sociabilidade, materialização de alternativas ao exercício da vida pública. Seguindo nesta linha de raciocínio, esse lugar de encontro que se tornou o Eixão do Lazer, independe da estrutura física tipicamente associada de uma praça, mas contém elementos em si que se sustentam no uso, prática, relações que os sujeitos estabelecem e forte conteúdo simbólico. Como ocorre nas praças centrais, conforme (Queiroga, 2002, p. 279), a diversidade de situações e usuários resulta em uma quantidade maior de contradições, trocas diversas, manifestações representativas.

O Eixão, assim sendo, é um espaço público de onde emerge a pracialidade em uma cidade modernista, e lugar que abriga o patrimônio-territorial. Cabe ressaltar, segundo (Queiroga 2002, p. 238-239), que ruas podem ser transformadas em espaços de ócio e convívio, constituindo uma espécie de praça alongada. O convívio no que antes era uma rua, no caso do presente artigo, um eixo rodoviário, se torna uma praça: convívio que gera relações de identidade, estimula ações comunicativas e propicia as relações de solidariedade orgânica.

Neste espaço público da cidade, a presença de pessoas para participarem de eventos culturais, transforma a paisagem urbana e cria novos fatos urbanos (Chini, 2019). A narrativa sobre a cidade passa a ser outra e estar e viver na capital ganha novos significados. Além do mais, as festividades, eventos e celebrações podem ser também um modo de conquista do direito à cidade, conforme Chini (2019). O Eixão do Lazer é também uma forma dos sujeitos se apropriarem de um espaço da cidade, que é ressignificado e tem o potencial de promover qualidade de vida e sensação de pertencimento à cidade. Este fenômeno de uso, ocupação e apropriação do espaço público reflete a transformação dos valores patrimoniais (Chini, 2019). Os próprios paradigmas urbanísticos de Brasília, hoje se transformam e se ajustam às novas demandas das cidades (Fischer, 2006).

Fazer o recorte de estudo no Eixão do Lazer é para pensar no que existe, resgata e ressignifica no tocante à cultura material e imaterial da cultura latino-americana, afrobrasileira e indígena, como expressões de resistência cultural, situadas neste lugar. Lugar este que possui suas especificidades, como por exemplo, a mudança de função de Eixo-rodoviário (dos automóveis) para Eixão do Lazer (da paisagem comercial ambulante e dos pedestres). Cria-se uma paisagem que se imprime na fisionomia da cidade, conferindo uma nova singularidade a este lugar (Chini, 2019).

Contudo, existem dificuldades inerentes ao planejamento da cidade e da mobilidade urbana do Distrito Federal, que tornam o acesso de moradores das RA's mais laborioso e que não surpreendentemente levam ao desestímulo de frequentar este lugar. Pensamos, assim, o Eixão do Lazer como uma proposta alternativa localizada central dos sujeitos periferizados, ali resistindo com seus saberes e práticas, e que, todavia, o usufruem menos. Essas são fragilidades situadas e particularidades do processo de urbanização da nova capital e que denotam os símbolos territoriais resistentes à colonialidade do poder.

2. Entre utopias, fixos, fluxos e o patrimônio-territorial no Eixão do Lazer

O que existe por trás dessas manifestações culturais é majoritariamente marcado pela desvalorização da cultura popular, dos povos que foram os responsáveis pela sua criação, mas que foram e seguem -conforme as características da modernidade, oprimidas (Quijano, 2005). Consideração importante que Souza (2019) traz e complementa essa perspectiva é a de que a modernidade, enquanto processo histórico, está em andamento, e ao alcançar os países mais pobres, se dá de forma incompleta. Quando se situa espacialmente e se confere a identificação desses elementos culturais um olhar geográfico, se atribui uma série de contextos históricos e sociais que trazem mais peso, significado e relevância para as ações dos sujeitos, estas também imbuídas de grande carga simbólica (Costa, 2021).

A ação preconizada pelo utopismo patrimônio-territorial (Costa, 2016) nos convida à mudança das situações espaciais dos sujeitos, que estão se manifestando, por exemplo, em lugares como o Eixão do Lazer, através da comida, da música, da religiosidade expressa nos artesanatos, conforme ideia de ativação do patrimônio-territorial abordada por Costa (2017). Interessante destacar também o movimento de saídas das Regiões Administrativas para o Plano Piloto, visto que se trata da capital do país, e expõe de diversas

formas as segregações socioespaciais da cidade (Rossetti, 2019). As pessoas que produzem ou reproduzem um patrimônio-territorial se dirigindo aos locais onde apenas uma parcela da população irá usufruir.

O termo “utopia” entra na discussão por ter um caráter que sugere não só a projeção de um ideal, como também carrega, simultaneamente, o rompimento com o presente e o compromisso de mudança com o futuro (Costa, 2016). Assim, é um exercício intelectual que fundamenta transformações de situações espaciais. E. Costa (2016) fala em utopismo considerando que toda utopia necessita de uma base tópica, espacial; sugere também a ideia de algo que já rompeu com o presente, já se projetou para o futuro e agora se encontra em andamento (Costa, 2016). Para que esse utopismo seja alcançado, apesar do continente ser marcado pela colonialidade do poder e do saber (Quijano, 2005), da modernização seletiva do território, é junto aos povos subalternizados e periféricos que se encontram as respostas, através de seus saberes e fazeres singulares e localizados, como destaca a teoria dos “Utopismos patrimoniais pela América Latina” (Costa, 2016, 2024).

Se pensarmos no Eixão do Lazer como uma representação do espaço geográfico, entendemos que ele contém a dimensão do tempo e do movimento social, que não é estática. De acordo com Souza (2019), os usos dos territórios bem como a dinâmica dos lugares, são expressos por pares dialéticos: fluidez/viscosidade e densidade/rarefação. Os sistemas de objetos e ações indissociáveis aos usos do território constroem paisagens (Souza, 2019).

Os fixos comportam as ações que são passíveis de transformar a dinâmica e mesmo o próprio lugar, com fluxos que recriam as condições que definem cada lugar (Santos, 2014). A Tabela 1 apresenta a distinção entre fixos e fluxos no Eixão do Lazer, evidenciando como os elementos materiais e as dinâmicas sociais se articulam para formar uma paisagem dinâmica, conforme a concepção do par conceitual fixos-fluxos de Santos (2014). Os fixos e fluxos especificamente residem na infraestrutura da malha rodoviária (como um fixo condutor), nos comércios e pontos de eventos (como fixos temporários) e os movimentos ou próprio fluxo agora não de veículos, mas de pedestres, ciclistas, crianças, ideias, arte, coisas variadas da cultura popular.

Tabela 1
“Comparativo entre os fixos e os fluxos identificados no Eixão do Lazer”

Fixos	Fluxos	Notas
Malha rodoviária do Eixo (infraestrutura física permanente – “fixo condutor”)	Movimento de pedestres, ciclistas, crianças e famílias (fluxos humanos alternativos ao tráfego veicular)	Reconfiguração da função e ressignificação do uso urbano aos domingos
Pontos de comércio e barracas (fixos temporários)	Circulação de práticas culturais, subjetividades e sentidos de pertencimento ao lugar	Onde é possível identificar os patrimônios-territoriais

Fonte: elaboração própria a partir de trabalho de campo, 2025.

Vemos ali mais claramente os objetos técnicos sociais. Essa junção culmina numa paisagem bastante característica da cidade de Brasília. A construção simbólica se elabora em meio a um agregado de subjetividades, e que também é marcada pelas mudanças econômicas e sociais, ao decorrer do tempo. Forma, estrutura, função e processo enquanto dimensões do espaço geográfico (Santos, 2014) se encontram então, de forma dinâmica diluídas na paisagem que se instaura no Eixão do Lazer aos domingos, conforme observado na tabela 2.

Tabela 2
“Comparativo entre elementos conceituais e suas manifestações no Eixão do Lazer”

Elementos conceituais	Manifestação no Eixão do Lazer	Notas
Forma	A configuração física do Eixão (via asfaltada, largura, extensão)	
Estrutura	Relação entre objetos técnicos (vias, equipamentos) e ações (eventos, comércio, lazer)	
Função	Transformação da via de tráfego em espaço de lazer, cultura e encontro social	A função modernista é reinterpretada pelos sujeitos
Processo	A dinâmica social contínua de apropriação, resistência e reinvenção do espaço	Resultado visível da interação entre fixos e fluxos, carregada de simbolismos, práticas populares e novos sentidos atribuídos ao lugar

Fonte: elaboração própria (2025), a partir de trabalho de campo e de Milton Santos (2014).

É pelas mãos da própria população brasileira que o Eixão se torna um lugar de convivência, trocas simbólicas e culturais. Um lugar que subverte a ordem de planejamento desta cidade que é também um dos sítios declarados Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Há o entendimento claro de que o que ocorre é uma reapropriação social e espontaneamente organizada, que ressignifica o espaço urbano. O caminhar, desvalorizado, agrega ao espaço banal, do cotidiano, com as feiras, com o lazer, uma valorização não prevista.

A partir de Yazigi (2019), os espaços socialmente apropriados são especialmente considerados. Yazigi defende que os espaços banais — aqueles do cotidiano, fora dos circuitos tradicionais do patrimônio histórico — são fundamentais para a vida urbana. Esses espaços surgem como fator indispensável e obrigatório na busca de cidades mais humanas (Yazigi, 2019). Assim como os exemplos citados pelo autor, o Eixão do Lazer pode se enquadrar como um espaço banal no cotidiano da cidade, como espaço social alternativo, uma via de comércio e atividades, onde se encontra o patrimônio-territorial.

Lucio Costa, figura central na construção da nova capital e responsável pelo urbanismo do Plano Piloto, admite que a cidade cosmopolita do sonho foi tomada por quem a construiu e se tornou uma outra coisa, mais brasileira (Chini, 2019). A exemplo da rodoviária do plano piloto, que se tornou um lugar de encontro popular e não somente de deslocamentos, podemos traçar um paralelo com o que tem se tornado o Eixão, anos depois. A iniciativa foi, inclusive, bem-vista por ele. Ademais, como patrimônio, é também de direito coletivo. Assim, o Eixão do Lazer emerge como testemunha desse “acúmulo desigual dos tempos” (Santos, 1996), mesclado com o dinamismo da área, as tentativas de permanência e continuidade das atividades diante da expressiva falta de incentivo público.

Há na representação visual de símbolos e imagens que compõem o Eixão do Lazer, que trazem consigo elementos culturais latino-americanos e brasileiros, as resistências expressas espacialmente e temporalmente localizadas, uma vez que as práticas vão se reelaborando e ganhando novos contornos no decorrer do tempo. Retomando o termo miltoniano, que propõe que o espaço não deve ser entendido apenas como uma configuração física ou geográfica, mas como o resultado histórico e material da convivência de diferentes tempos e técnicas em um mesmo lugar, é possível apreender a singularidade contida na análise espacial, que a dimensão do tempo se associa, dialeticamente.

O termo “acúmulo desigual dos tempos” reflete justamente a coexistência de elementos antigos e modernos, tradicionais e contemporâneos, que se sobrepõem de maneira desigual no território, revelando as contradições do processo de desenvolvimento (Santos, 1997). O que seria, então, todas as nuances e camadas de informação geográfica presentes no Eixo Rodoviário/Eixão do Lazer senão testemunhas da ação do tempo, das mudanças de percepção e políticas públicas sobre o Eixão do Lazer, da mudança de

compreensão que se faz sobre o lazer e as movimentações humanas na cidade de Brasília e que agora cristalizam-se nos objetos geográficos atuais?

Esse dinamismo subverte a lógica dos automóveis, e da “morte da rua” Holston (1989). O urbanismo modernista, ao priorizar a funcionalidade e a separação de usos, resultou na eliminação da rua como espaço de convivência social e interação cotidiana (Holston, 1989). Em Brasília, a ênfase em grandes vias expressas e zonas segregadas substituiu as ruas tradicionais, que historicamente serviam como locais de encontro, comércio e vida comunitária. A própria construção do sentido de lazer foi deixada de lado na construção de Brasília. Essa abordagem, segundo Holston (1989), levou a uma cidade onde o espaço público dificulta a formação de laços sociais e a vivência urbana plena. Assim, o Eixão do Lazer emerge como elemento de saúde urbana e vitalidade para uma cidade que, pela sua lógica espacial setorizada, ordena e molda um comportamento social guiado pela lógica e pela razão, para aflorar o que há de emocional e humano nas relações entre os sujeitos.

A inserção das pessoas, de suas culturas, encontra mais um entrave: a mentalidade de valorização da cultura e produtos culturais de países do Norte Global, sobrepujando a nossa própria cultura. É possível identificar no Eixão esse movimento de valorização da nossa culinária, música, e formas de socialização. Encontram-se ali hábitos alimentares que variam de hot-dogs ou cachorros-quentes, a arepas venezolanas, mandioca e tapioca. Esses símbolos iconográficos são representações visuais de preponderante relevância e cabe a reflexão sobre como a construção histórica, política, econômica e social ao longo do tempo, culminou em espaços tão heterogêneos no Brasil contemporâneo como O Eixão do Lazer.

O Eixo Rodoviário compreende uma longa via que cruza a cidade de uma ponta à outra, formando as asas da imagem aérea em formato de avião que conforma a cidade. Ela divide as quadras 100, 300, 500 e outras das 200, 400, e outras, de maneira equivalente nas asas norte e sul. Como podemos observar (figura 2), existem cruzamentos chamados popularmente de “tesourinhas” e os Eixo W e L ou “eixinhos”, que fazem a mediação entre o Eixo e as quadras comerciais e residenciais. Dado que o pleno funcionamento dos chamados eixinhos não é interrompido aos domingos, tomemos a seguinte situação hipotética de um pedestre que possa vir a desejar atravessar do Eixo para a quadra comercial 107/108 ou 207/208, devido a necessidade de se alimentar ou hidratar. Para este frequentador, seria dificultoso e até mesmo perigoso cruzar a via com a passagem de veículos. Uma vez que os comércios já se fazem presentes, aglutinados em eventos culturais ou espalhados ao longo da extensão do Eixão, esse deslocamento não se faz necessário.

Figura 2
“Quadras comerciais em relação ao Eixo Rodoviário / Eixão do Lazer”



Nota: Venda de arepas venezuelanas (A), barraca de alimentos diversos (B).

Fonte: elaboração e acervo próprios, 2025, 2024

Assim, o comércio se coloca como elemento de atração e permanência do frequentador no Eixão do Lazer. O consumo, assim, não deve ser considerado somente em seu aspecto puramente econômico, mas também em suas relações sociais e conteúdos culturais (Ballesteros, Carreras; 2016). O aspecto cultural é especialmente relevante, pois evidencia as origens do consumo e da vida cotidiana dos indivíduos (Ballesteros, Carreras; 2016). Em uma sociedade onde os padrões de consumo se tornaram cada vez mais individualizados e fortemente vinculados a centros comerciais (Ballesteros, Carreras; 2016), no Eixão, esse consumo é pautado principalmente pelas relações horizontais entre os sujeitos.

No contexto do bioma cerrado, as médias climáticas e de variação da umidade relativa do ar colocam os sujeitos expostos ao sol e ao calor durante boa parte do ano. A arborização paralela à via é insuficiente para quem está a caminhar na faixa asfaltada. Assim sendo, verifica-se que o Eixão deve suprir as necessidades básicas que as pessoas possam vir a ter: o acesso a banheiros, a água e a alimentação. Hoje, o comércio no Eixão se encarrega de atender a essas demandas.

Esta é uma expressão de como há, na modernidade, um desequilíbrio entre a sociedade, o planeta e o ecossistema, onde os símbolos de integração são reduzidos (Souza, 2019). No cenário do Eixão do Lazer, o dualismo entre sociedade e natureza se torna mais tênue, e ambos se relacionam de forma direta em uma cidade condicionada pelo traçado modernista.

3. Análise espacial concreta: registros e reflexões sobre o patrimônio-territorial no Eixão do lazer

As saídas de campo são parte da metodologia de pesquisa adotada neste estudo, para que a investigação seja acurada e o mais próxima da realidade, para uma leitura do espaço geográfico em toda a sua complexidade. Foram realizadas quatro saídas de campo no Eixão do Lazer, com o objetivo de identificar e compreender o patrimônio-territorial presente e como ele se manifesta. Logo, parte-se da perspectiva da pesquisadora e dos entrevistados. Inicialmente, foi necessário o treinamento do olhar para reconhecer e identificar elementos que remetessem ao objeto de pesquisa.

Ao longo das caminhadas e observações, foi latente a importância da dimensão da valorização do espaço urbano, agora voltando o olhar para os elementos culturais, tradicionais e porque não dizer, ancestrais, que compõem a paisagem. Dos sons aos aromas, os domingos se enchem de vida e de resistência no Eixão do Lazer. Do primeiro dia ao último, em campo, as experiências indicaram caminhos para o aperfeiçoamento da entrevista semiestruturada e horários mais proveitosos para as saídas.

Dessa forma, houve uma construção contínua no processo de elaboração da aplicação e investigação propostas. Foram realizadas 12 entrevistas semiestruturadas com frequentadores e comerciantes do Eixão do Lazer, abrangendo diferentes perfis e localidades do Distrito Federal. Essa diversidade dos perfis de entrevistados permitiu captar múltiplas percepções sobre o espaço enquanto patrimônio-territorial e lugar de resistência cultural.

É possível atrelar o vivenciado e observado no Eixão do Lazer, aos conceitos de espaços públicos e políticos. Conforme Gomes (2018), existe um caráter ambíguo na definição de espaço público, uma vez que a noção de que uma área urbana livre e aberta não necessariamente é um espaço público. Podendo ser um espaço privado de uso público, por exemplo. Associamos certas formas como ruas e praças a espaços públicos, no entanto, o que verdadeiramente irá conferir a condição de espaço público não está somente atrelado às formas. O estatuto público, portanto, depende de como o espaço é concebido, usado e vivido (Gomes, 2018).

Assim sendo, é a partir da relação estabelecida entre indivíduos independentes entre si, e que partilham uma experiência comum. De acordo Gomes (2018), são os princípios que regem as relações entre as pessoas que caracterizam o domínio público. A livre manifestação e julgamento são o que conferem o seu corpo político. Ativos no espaço através de um conjunto de disposições e regras, um conjunto de indivíduos agem baseados nessas regulações (Gomes, 2018). São esses os elementos que os tornam, por excelência, públicos.

Os espaços se tornam políticos quando permitem a livre manifestação dos indivíduos em suas diferenças, são palco de comunicações simbólicas e interpessoais, onde o coletivo confere novos sentidos aos gestos individuais. Além do mais, devido ao seu histórico de conquistas pela presença e visibilidade

nos espaços urbanos, tornam visíveis ações, conflitos e reivindicações sociais, possibilitando experiências comuns e debates entre sujeitos distintos entre si.

Conforme Gomes (2018), espaços públicos, do ponto de vista político, estabelecem um terreno da vida comum sem que haja a renúncia das individualidades de opinião, crenças, valores, atitudes e formas de apresentação. Trata-se de uma co-presença espacial (Gomes, 2018).

Entende-se que o Eixão do Lazer é:

- Um espaço público: Regulado por normas de convivência públicas, como horários de uso e respeito mútuo entre os frequentadores; oferece espaço para o florescimento de heterogeneidades; promove visibilidade, interação e comunicação entre os cidadãos - elementos democráticos fundamentais.
- Um espaço político: Permanecer nos espaços públicos, com os direitos que cabem a eles, é um exercício da vida social e política; contém manifestações políticas com potencial transformador, que podem ou não gerar adesão; existe o potencial de diálogo sobre as práticas e sobre o espaço público acessado, que carregam desta forma, conteúdos que são políticos.

Segundo o entendimento de Jürgen Habermas, a esfera pública e privada nasce com a sociedade burguesa europeia a partir da ruptura do antigo regime para a sociedade capitalista (Sousa, 2022). Sendo na esfera pública burguesa, onde se instaura o espaço para debate, condicionado ao poder aquisitivo, consumo e status perante a sociedade (Sousa, 2022). O questionamento cabível é se existe uma esfera dita pública, onde existe a exclusão e participação seletiva do debate e da vida pública. Mais adiante em Sousa (2022), temos em Nancy Fraser um entendimento mais aproximado do que abordamos nesta pesquisa, onde a esfera pública é sobretudo o lugar promotor de consenso, encontro e interação entre indivíduos de interesses comuns ou destoantes, e não somente onde ideias e acontecimentos se tornam públicos. Com a modernidade, houve o enfraquecimento da esfera pública, ainda assim, configura-se como um espaço onde minorias políticas reivindicam participação (Sousa, 2022).

O espaço público precisa ter sua importância e sentido retomados a despeito das verticalidades que se imponham de forma hegemônica nas cidades contemporâneas, sem considerar o cotidiano e a espontaneidade (Sousa, 2022). Neste ínterim, a crescente das políticas liberais e as desigualdades, atravessam o espaço público. Ademais, segundo Sousa (2022), o espaço urbano é uma expressão ativa do território usado e reside na sua totalidade, de forma que se torna possível identificar racionalidades hegemônicas e contra hegemônicas. Na América Latina, o espaço público é ativado e disputado pelos sujeitos, conforme apontado por Sousa (2022).

O espaço urbano é simbólico e cultural. Cruzado por imaterialidades, é forma e conteúdo; sendo assim, as perguntas que revelam as percepções dos entrevistados foram importantes para evidenciar o que, em geral, se pensa hoje em termos de reconhecimento, valorização e identificação do patrimônio-territorial presente no Eixão do Lazer. As entrevistas destacam o Eixão do Lazer como um espaço multifuncional e simbólico para Brasília, oferecendo lazer, cultura e convivência social. No entanto, barreiras de acesso para não residentes do Plano Piloto, falta de investimento por parte do poder público, e desafios enfrentados pelos comerciantes indicam a necessidade de políticas públicas mais inclusivas e participativas para garantir a melhoria e ampliação das potencialidades desse lugar tão importante de Brasília.

Os entrevistados trazem em suas falas visões que são geográficas por excelência. Isso é notório quando as dinâmicas espaciais e de mobilidade urbana são apontadas como fatores que influenciam no perfil dos frequentadores do Eixão. Neste caso, os principais frequentadores foram apontados como sendo os residentes do Plano Piloto, uma vez que estão mais próximos do Eixão e podem acessar o espaço com maior facilidade no tempo de deslocamento e meios de locomoção: usando bicicletas, carros ou caminhando. Foi citada, na entrevista 1, inclusive a dimensão dos fixos e fluxos, o que foi teorizado anteriormente, com base no geógrafo Milton Santos.

A tabela 3 apresenta um cruzamento entre o perfil geral dos entrevistados, a frequência de suas visitas e os elementos que segundo as suas percepções individuais conferem singularidade e são distintivos na experiência de estar no Eixão do Lazer.

Tabela 3

“Comparativo entre o perfil e as percepções dos entrevistados acerca do Eixão do Lazer”

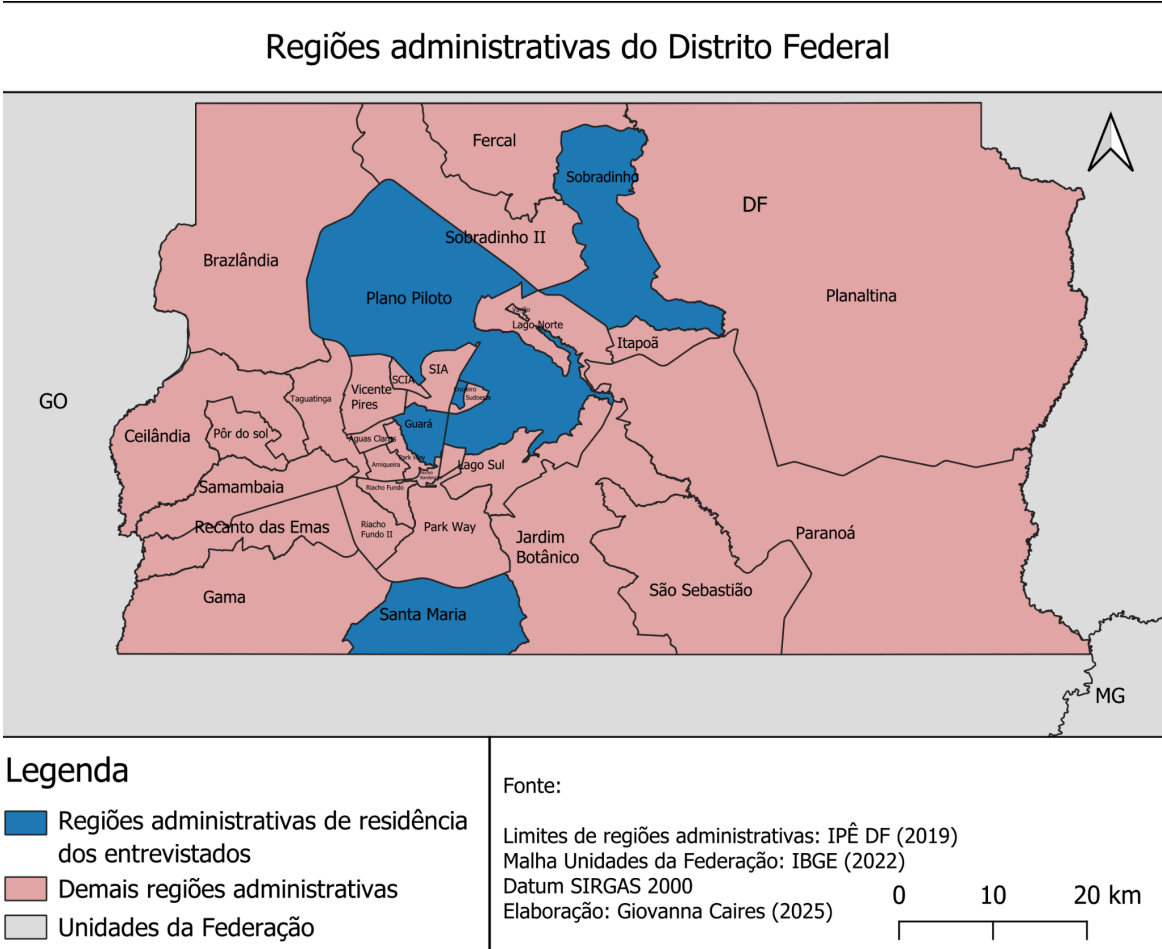
Nº da entrevista	Frequenteador/ Comerciante	Local de residência	Frequência de visitação	Elementos de vínculo e percepções dos entrevistados com o Eixão do Lazer
01	Frequenteador	Asa norte	Frequência Alta	Música (Choro), gastronomia (acarajé, feijoada, açaí), sociabilidade
02	Frequenteador	Asa norte	Frequência Alta	Cultura, esporte, desejo de maior acesso noturno ao Eixão do Lazer, defesa do comércio
03	Comerciante	Sobradinho	Frequência Alta	Música, feira, artesanato, lazer como forma de saúde e ocupação especialmente para aposentados e crianças
04	Frequenteador	Asa Norte	Baixa frequência	Samba, música, comércio, qualidade de vida
05	Frequenteador	Asa Sul	Baixa frequência	Integração social, diversidade, respeito, participação
06	Frequenteador	Cruzeiro Novo	Baixa Frequência	Bicicleta, família, segurança
07	Frequenteador	Guará	Média frequência	Espaço plano eficiente para caminhadas e corridas, boa arborização, democracia no uso do espaço público
08	Frequenteador	Asa Sul	Média frequência	Caminhada, música ao vivo, convívio social
09	Frequenteador	Asa Norte	Média frequência	Atividade física, segurança
10	Frequenteador	Sobradinho	Baixa frequência	Eventos musicais, gastronomia, resistência cultural
11	Comerciante	Santa Maria	Alta frequência	Choro, rock, presença de artistas e comerciantes

Nº da entrevista	Frequentedor/ Comerciante	Local de residência	Frequência de visitação	Elementos de vínculo e percepções dos entrevistados com o Eixão do Lazer
12	Frequentedor	Asa Sul	Média Frequência	Música, esporte, memória afetiva

Fonte: elaboração própria, 2025

Essa relação permite observar como diferentes experiências de uso e pertencimento ao espaço impactam na identificação dos elementos culturais, práticas sociais e simbolismos associados ao lugar. Os dados revelam que aspectos como a música, a culinária, o convívio social e a memória afetiva são reconhecidos por frequentadores de distintos perfis, locais de origem e níveis de frequência, indicando uma apropriação diversa, mas recorrente, do Eixão como paisagem cultural viva. Podemos verificar a distribuição espacial do local de moradia dos entrevistados, na figura 3.

Figura 3
“Mapa regiões administrativas do Distrito Federal”



Fonte: elaboração própria, 2025

Historicamente, segundo o portal online de comunicação oficial do Governo do Distrito Federal, em 1964, quatro anos após a inauguração da cidade, Brasília passou a ser reconhecida como Região Administrativa I. À época, oito regiões administrativas foram reconhecidas como partes integrantes do Distrito Federal: Guará, Núcleo Bandeirante, Candangolândia, Cruzeiro, Lago Norte e Lago Sul. Outros marcos significativos são os anos: 1987 (o conjunto urbanístico foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, com o princípio fundamental de preservar a concepção das 4 escalas urbanas: monumental, residencial, bucólica e gregária; 1997 (a Região Administrativa I passa a ser denominada de Região Administrativa I Plano Piloto).

As respostas que indicam o local de moradia dos frequentadores apontam que há uma concentração maior de visitantes que residem nas asas sul e norte, respectivamente 7 respostas, o que confere mais força aos argumentos mobilizados na presente discussão. Com relação aos eventos, como Asas do Rock, Choro no Eixo, Eixo da Arte e Axé no Eixo, são fundamentais para que o Eixão do Lazer se projete como lugar atrativo para os moradores do Distrito Federal, para que haja o fomento de uma economia local forte, sendo a renda principal ou complementar de muitos comerciantes que ali estão. Muitos dos frequentadores se valem da condição de poder se hidratar comprando água, se alimentar com amplo espectro de opções disponíveis para que seja possível passar um período ou o dia no Eixão.

Figura 4

“Eventos Choro no Eixo e Axé no Eixo”



Nota: Evento choro no eixo (A), evento axé no eixo (B) ambos na altura da quadra 207 norte.

Fonte: acervo pessoal, 2024

Assim, é inegável que os comércios garantem a boa experiência dos frequentadores, visto que dentro de uma lógica de deslocamento, seria demasiadamente dificultoso sair do Eixão para ir à procura de estabelecimentos nas quadras comerciais sempre que necessário se alimentar ou hidratar. Para além das questões básicas como a alimentação, que influencia a ida ao Eixão, existe um fator imprescindível, e que através das entrevistas se mostrou extremamente significativo, que é a música. Este elemento é centralizador e cria pontos onde as pessoas se demoram, cantam, comem e celebram. Destacaram-se nos trabalhos de campo três eventos: Asas do Rock, Choro no Eixo e Axé no Eixo.

O evento Asas do Rock consiste em uma estrutura com tendas, stands artesanato de residentes do Distrito Federal e conta com o patrocínio do Governo do Distrito Federal (GDF), em parceria com a Secretaria de Turismo. A venda de comidas engloba: hambúrguer, cachorro-quente, acarajé, arroz carreteiro, cookie, pastéis, e a presença do tradicional pipoqueiro. As músicas foram cantadas tanto no idioma inglês, quanto no português brasileiro. Este evento ocorre uma vez ao mês, e o registro foi feito durante a sua terceira edição. Conta com policiamento e corpo de bombeiros. Para as crianças, brinquedos infláveis e cama elástica.

Em diálogo com uma das expositoras, do stand Estillo Roots, ela afirmou que trabalha com as suas confecções de roupas, que tem a proposta de temática afro: as estampas dos tecidos são inspiradas em padrões, cores e desenhos de origem africana. Também confecciona colares, turbantes, brincos, faixas

de cabelo e anéis. Quanto a conseguir expor no evento, ela afirmou que são abertas 10 vagas para comerciantes pela Secretaria de Turismo.

O Choro, proveniente de uma mistura entre ritmos europeus, afrobrasileiros e indígenas, foi um evento bastante citado nas entrevistas, sendo emblemático no Eixão do Lazer e muito prestigiado pelos frequentadores. Uma das entrevistadas reconhece no Choro um elemento marcante da cidade, uma vez que foi nele que conheceu esse estilo musical. Foi relatado também que os organizadores da atividade, por iniciativa própria, levam banheiros químicos para o Eixão, uma vez que o GDF não os disponibiliza.

O axé no eixo, enquanto manifestação musical e cultural, carrega elementos da ancestralidade afro-brasileira, das festas populares e da resistência simbólica contra a invisibilização das culturas negras nos espaços públicos. No evento, não se celebra apenas um estilo musical, mas todo um repertório simbólico de memórias, afetos, corporalidades e religiosidades.

Enquanto as barracas foram desmontadas, um carro tocava bem alto um jogo de futebol, transmitido através do aparelho de rádio do automóvel. O futebol, como elemento cultural, é muito forte no Brasil, e reúne seus torcedores, que são ligados a seus times e estados de origem. O dia se encerrava, após uma expressão cultural muito forte, o Choro, com uma outra: o futebol. A cena foi marcadamente brasileira.

Retomando o conceito de Costa (2021), o patrimônio-territorial é o que invoca a memória dos sujeitos empobrecidos, subalternizados e estigmatizados na América Latina. Em suma, denuncia o colonialismo, expõe a colonialidade e enfatiza a resistência das comunidades (Costa, 2021). A presença de manifestações musicais, saberes culinários, práticas de lazer, religiosidade e produção artesanal revela como o espaço modernista originalmente planejado para a circulação de veículos foi ressignificado pela ação coletiva, tornando-se um espaço de memória, pertencimento e identidade social, locus também de um patrimônio-territorial. Na tabela 4 estão identificados os elementos que remetem ao patrimônio-territorial.

A tabela 4 é uma síntese do que foi possível apreender a partir das observações de campo apoiadas no material bibliográfico levantado para a pesquisa.

Tabela 4
“Patrimônio-territorial identificado no Eixão do Lazer”

Característica	Elementos do patrimônio-territorial
Culinária	Acarajé, feijoada, mandioca, tapioca, arepas venezuelanas, arroz carreteiro, feijão tropeiro, choripan, mandioca, açaí
Música	Choro, samba, pagode, axé
Artesanato	Cangas com temáticas afro-brasileiras, roupas com tecidos africanos, balões confeccionados de cabaça

Fonte: elaboração própria, 2025

Elementos como a culinária e a música pertencem ao patrimônio-territorial porque representam práticas culturais situadas no contexto latino-americano, construídas coletivamente ao longo do tempo e carregadas de sentido simbólico, afetivo e identitário. Segundo Costa, (2016) a perspectiva do patrimônio-territorial — conceito que articula cultura e resistência à colonialidade do poder — esses elementos expõem as contradições espaciais coloniais e modernas na América Latina. Por tanto, não são apenas manifestações isoladas, mas expressões vívidas que ganham forma e sentido no contexto das relações sociais que estabelecem entre os sujeitos e seus territórios.

O patrimônio-territorial contém as dimensões de análise do trabalho, da utopia nos territórios de exceção na América Latina, da ativação popular, das práticas turísticas e dos apontamentos metodológicos que visam estabelecer ‘roteiros patrimoniais utópicos’ (Costa, 2017). A experiência dos sujeitos no âmbito do trabalho perpassa as especificidades continentais da divisão social e espacial do trabalho, conforme Costa (2017). Assim, parte do comércio realizado no Eixão do Lazer tem por excelência um lastro da situação latino-americana nesse quesito. Isso significa que ao longo do processo colonial e civilizatório,

diferentes identidades territoriais, formas de estar e se relacionar com as cidades, com o Estado e com o país foram se estabelecendo.

A legitimidade das culturas, da memória e das experiências dos sujeitos subalternizados que historicamente produzem as comidas, músicas e artesanias apontadas na tabela 4, ganham um viés de resistência e valorização junto ao conceito patrimônio-territorial. Os ingredientes e modos de preparo estão vinculados a práticas, saberes tradicionais e heranças de grupos sociais específicos (como afrodescendentes, indígenas, migrantes). Pratos como o acarajé e a feijoada evocam pertencimento, ancestralidade e formas de resistência cultural. As músicas como o Choro e o Axé, envolvem a identidade brasileira e com suas apresentações realizadas ao ar livre, transformam o espaço público em palco de sociabilidade, troca simbólica e visibilidade para culturas muitas vezes estigmatizadas.

Atrelados ao comércio, oferecem a possibilidade de fomentar renda a partir de bens culturais não institucionalizados, possibilitando autonomia e liberdade popular (Costa, 2017). A preocupação em maximizar condições materiais de existência e minimizar o estigma social que subjugava sujeitos e grupos latino-americanos, deve ser coletiva e promover alternativas de vida e representatividades culturais, conforme Costa (2017).

4. Resultados e discussões

A dimensão do planejamento urbano é latente quando pensamos no Eixão do Lazer. Conforme Costa (2021), para compreender e confrontar os resultados urbanos e urbanísticos no contexto de globalização e do modelo produtivo capitalista, é preciso pensar em outro tipo de planejamento urbano. Para que o planejamento urbano humanize as práticas urbanísticas, considere o sujeito em sua diversidade e historicidade, incorpore o imaginário como força política para a construção de uma cidade mais justa, afetiva e democrática, é preciso dialogar com o que Costa (2021) intitula como planejamento urbano possível. Em suma, o planejamento urbano só se torna possível quando incorpora a cultura, a emoção, os afetos e os imaginários dos sujeitos que a vivem cotidianamente (Costa, 2021).

O Eixão do Lazer pode ser um exemplo da expressão concreta desta proposta, uma vez que trata-se de um espaço urbano que transcende a lógica técnica e centralizadora, conferindo um sentido a partir dos sujeitos e da imaginação coletiva sobre novos usos e sentidos do espaço urbano. Ao ser temporariamente liberado para pedestres, ciclistas, feiras, manifestações e atividades culturais, o Eixão do Lazer ativa dimensões existenciais e afetivas do espaço, evidenciando que o planejamento urbano pode (e deve) se guiar pelas necessidades concretas e simbólicas da população. Esse uso não previsto inicialmente no projeto modernista da cidade mostra que a cidade é continuamente reinterpretada e recriada pelos seus habitantes.

Além disso, o Eixão do Lazer é um espaço de conexão entre diferenças, onde o centro modernista se abre à presença de múltiplos grupos sociais. Ele se configura, portanto, como um espaço onde práticas populares, saberes não hegemônicos e experiências afetivas moldam o espaço urbano, justamente como propõe a abordagem de um planejamento baseado na geografia social imaginativa do lugar.

Em resumo, o Eixão do Lazer exemplifica o que Costa (2021) define como planejamento urbano possível: uma prática espacial que emerge “de baixo”, orientada pela ação dos sujeitos locais, que transforma o espaço não apenas tecnicamente, mas emocional, política e simbolicamente, desafiando a hegemonia da racionalidade instrumental e afirmando o direito à cidade vivida, sentida e reinventada.

Nos detendo nas discussões anteriormente feitas sobre o Eixão e com base nos resultados obtidos em campo, temos que a expressão dos gestos, formas de apresentação e sobretudo a presença portadora de sentidos, revelam o caráter comunicacional do Eixão enquanto espaço público. Podemos entendê-lo como um exercício democrático de uso dos espaços urbanos, enquanto as pessoas exercem os seus direitos de cidadania substantiva ou real, que consiste no exercício dos direitos sociais, civis e políticos. Acredita-se que a participação e escuta popular seja mais do que necessária para que o Governo do Distrito Federal (GDF), possa melhorar a experiência do frequentador e reforçar a importância do Eixão do Lazer. Por sua vez, isso potencializaria a saúde e bem estar, acesso à cultura e ao lazer.

Em suma, os resultados apontam para o Eixão do Lazer como uma expressão concreta e em andamento do utopismo patrimônio-territorial. Nesse espaço se tornam visíveis os saberes, práticas e afetos de sujeitos latino-americanos, os quais, ao ocuparem o centro simbólico da capital, operam uma ressignificação profunda do território. Tais práticas ativam a memória, a cultura e a cidadania em espaços historicamente negados a esses grupos, por via das apresentações culturais e comércio, abrindo caminhos para uma cidade com mais encontros e celebrações da cultura brasileira e latina.

5. Considerações finais

A façanha europeia em território latino americano, conforme aponta Ribeiro (2017), obteve grande êxito econômico e foi o maior e mais próspero empreendimento do mundo de 1550 a 1880. Existiram três estágios do processo civilizatório segundo Ribeiro (2017). Primeiro, a população americana original de cem milhões de índios é substituída por um novo povo, composto por brancos, negros e mestiços. Há uma mudança nos padrões de produção, uma vez que a mentalidade indígena não se pauta na acumulação, mas sim nas garantias de reprodução ampliada das condições de existência (Ribeiro, 2017). E por fim, a transmutação do molde americano original para a sua nova feição pós-colonial. O domínio colonial e as declarações de independência, modificaram profundamente o território, criando nacionalidades, modernização e branquização.

O caso brasileiro é interessante pois, embora parte da América Latina, apresenta especificidades como o idioma português, que o diferenciam cultural e historicamente dos países hispano-americanos. A colonização portuguesa estruturou uma sociedade baseada na exploração da terra, escravidão e preconceitos raciais Schwarcz (2015), cujos efeitos persistem até hoje. Compreender as formas de resistência no país exige recuperar essa base histórica, marcada por desigualdade e luta, mas também por práticas de resiliência e reinvenção social. Aqui, a terra foi sagazmente monopolizada em poucas mãos e usada para enobrecer e especular (Ribeiro, 2017).

Somente assim conseguimos dimensionar a importância das resistências espacialmente localizadas, pois entendemos a construção da própria necessidade de resistir e das violências perpetradas contra os povos originários e afrodescendentes. Importante salientar que as violências não foram extinguidas e que na atualidade ganha novos contornos coloniais e globalizantes, dentro de uma lógica neoliberal que não vislumbra e tem sérias inflexibilidades com a inclusão e a reparação histórica para com nossos povos.

A proposta de identificar o patrimônio-territorial situado demonstra ser imprescindível para que não haja maiores apagamentos de memórias, saberes e lutas. A tarefa que envolve o par teoria e empiria, de localizar os elementos materiais e imateriais de resistência no Eixão do Lazer, tem como objetivo último estabelecer dignidade espacial aos sujeitos. Isso é parte dos compromissos que devem ser assumidos para se reconhecer o patrimônio-territorial, endogenamente, com e para a comunidade, segundo Costa (2017).

O patrimônio-territorial aqui ativado é, portanto, mais do que um conjunto de bens: conglomeram práticas vivas e dinâmicas de valorização de saberes, de resistência ao apagamento do popular, e de reinvenção coletiva da cidade. Essa ativação, situada no tempo e no espaço, opera como possibilidade de ruptura simbólica com as hierarquias socioespaciais modernas, ao mesmo tempo em que oferece dignidade a grupos constantemente desvalorizados.

A partir desse movimento, o Eixão revela-se como um exemplo concreto de patrimônio-territorial — um conceito que, conforme Costa (2017), deve ser compreendido na articulação entre o universal (as lógicas globais de produção do espaço), o particular (as práticas sociais localizadas) e o singular (as resistências identitárias e culturais de povos subalternizados). Os elementos identificados, como a culinária de matriz afro e latino-americana, a música popular, os rituais religiosos, o artesanato e o comércio informal, demonstram que o patrimônio-territorial não está restrito à materialidade institucionalizada, mas emerge da experiência vivida e da memória coletiva daqueles que fazem do Eixão um espaço seu.

Nesse sentido, a pesquisa mostra que o Eixão do Lazer não é apenas uma adaptação ocasional do espaço urbano para o lazer, mas uma reivindicação política do direito à cidade, protagonizada por sujeitos muitas vezes invisibilizados no planejamento racional e oficial da capital. A ativação popular do patrimônio-territorial, termo trazido por Costa (2017), se dá justamente pela capacidade desses sujeitos de ocupar, ressignificar e persistir no espaço, mesmo diante da falta de incentivos substanciais por parte do Governo do Distrito Federal, infraestrutura e das tentativas de normatização e encerramento das atividades culturais e comerciais no Eixão do Lazer.

Por fim, falar do Eixão do Lazer à luz dos conceitos de fixos, fluxos e patrimônio-territorial nos permite compreender como a cidade se transforma a partir dos grupos subalternizados, nas brechas do planejamento, pelas mãos e pelos corpos daqueles que vivem e produzem a cidade cotidianamente. O Eixão torna-se, assim, um símbolo pulsante de vida na cidade do concreto, onde a cultura popular rompe com a rigidez do traçado modernista e reabre caminhos para a vivência de um espaço urbano mais justo.

Referências bibliográficas

- Costa, E. (2016). Utopismos patrimoniais pela América Latina: resistências à colonialidade do poder. In.: *Actas XIV Colóquio Internacional de Geocrítica* (pp.1-32). Barcelona, Espanha: Universidad de Barcelona.
- Costa, E. (2017). Ativação popular do patrimônio – territorial na América Latina: teoria e metodologia. *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, 26(2), 53-75
- Costa, E. (2018). Riesgos y potenciales de preservación patrimonial en América Latina y el Caribe. *Investigaciones Geográficas*, (96), 1-26.
- Costa, E. (2021). Patrimonio-territorial y territorio de excepción en América Latina, conceptos decoloniales y praxis. *Revista Geográfica Venezolana*, 62(1), 109-127.
- Costa, E. (2021). Planificación urbana posible, imaginario, existencia y cultura. *Tempo social, Revista de Sociologia da USP*, v. 33, n. 1 (pp.91-120).
- Costa, E. (2024). Del patrimonio territorial eurocentrado al patrimonio-territorial decolonial. Giro epistémico desde el sur. *Eutopía, Revista de Desarrollo Económico Territorial*, n. 25.
- Miternique, Hugo Capellà (2012). El lugar en América: de una anamorfosis ajena a una hiperrealidad propia. *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, 21(2), 13–27.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder. Eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Ed.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 107-126). Buenos Aires: CLACSO.
- Souza, M. A. A.(2019). Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: refletindo sobre o espaço banal. Um ensaio geográfico. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, 2 (4) , 1-17. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v2i4.26485>
- Yazigi, E. (2019). Ensaio teórico pela patrimonialização do espaço banal: um enlace de geografia-urbanismo-sociologia-planejamento e turismo. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha Geografia Humanidades*, 2 (3), 01-07. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v2i3.14281>
- Sousa, G.(2022). Espaço público como expressão ativa do território usado. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, 5 (10), 226-240. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v5i10.42743>
- Sousa, L. A. (2020). Ativação popular do espaço público na América Latina - pracialidade, monumento e patrimônio-territorial. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, 3 (6) 219-233. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v3i6.32310>
- Rojas López, J. (2023). Las emociones del lugar: de los afectos de Baruch Spinoza a la topofilia de Yi-Fu Tuan. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, 6 (12), e49676. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v6i12.49676>
- Queiroga, Eugenio Fernandes (2002). *A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa*.
- Chini, Vanessa Schnabel Fragoso (2019). *Eixo do lazer de Brasília: o Eixo Rodoviário Residencial e seu uso como espaço público*.
- Fisher, Sylvia (2006). Paradigmas urbanísticos de Brasília. In.: *Brazilian Conditions*. Springer, Vienna. (pp.154-155)

- Holston, J. (1989). *The modernist city: An anthropological critique of Brasília*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Rossetti, E. (2019). Espaços públicos de Brasília: uso, apropriação, valorização e transformação. *Revista Têsis*, 2(5).
- Santos, M. (2014). O espaço: sistemas de objetos, sistemas de ação. In.: *A natureza do espaço*.
- Santos, M. (1997). *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec.
- Freire, P. (1974). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Ballesteros, Aurora García; Carreras, Carles (2016). Geografía y consumo. In.: *Tratado de Geografía humana*. Argentina, Barcelona. (pp. 320-331).
- Gomes, Paulo Cesar da Costa (2018). Espaço público, espaços públicos. *GEOgrafia*, v. 20 , n. 44, 115-119.
- Ribeiro, Darcy (2017). *América Latina: a pátria grande*. Editora Global.
- Schwarcz, Lilia Moritz; Starling, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.